



***IDENTIDADE MORAL E EXPRESSÃO DE GÊNERO EM DESENHOS
ARTÍSTICOS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO***

***IDENTIDAD MORAL Y EXPRESIÓN DE GÉNERO EN DIBUJOS
ARTÍSTICOS DE ESTUDIANTES DE ESCUELA SECUNDARIA***

***MORAL IDENTITY AND GENDER EXPRESSION IN ARTISTIC
DRAWINGS OF HIGH SCHOOL STUDENTS***

*Marcos Sardá-Vieira*¹

*Márcio Luiz Bess*²

*Vando Ferreira Lopes*³

RESUMO

Neste artigo analisamos as nuances relativas à identidade moral e expressão de gênero e sexualidades por meio de desenhos artísticos produzidos por adolescentes e jovens estudantes do Ensino Médio. Nosso objetivo é compreender as representações identitárias de reprodução e/ou imaginação criadora através dos desenhos, tendo como contexto social e político o campo de disputas entre movimentos feministas e contrassexuais e grupos conservadores em defesa da família tradicional e dos desejos cis-heteropatriarcais. Assim, a partir dos resultados do projeto de extensão “Arte de Caderno”, que reuniu trabalhos de estudantes de escolas públicas de diferentes regiões do Brasil, analisamos a produção de desenhos destacando expressões identitárias e corporais como parte do entendimento de adolescentes e jovens sobre os valores morais discutidos na atualidade. Portanto, apesar de a maioria dos desenhos reproduzir os valores hegemônicos de corporalidades e expressões identitárias binárias, outros suscitam a expressão criativa de representações identitárias dissidentes.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Moralidade. Desenho. Criação.

¹ Doutor em Ciências Humanas. Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Erechim, RS, Brasil.

² Doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS), *Campus* Poços de Caldas, MG, Brasil.

³ Doutor em Engenharia Mecânica. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

RESUMEN

En este artículo analizamos los matices relacionados con la identidad moral y la expresión de género y sexualidades a través de dibujos artísticos realizados por adolescentes y jóvenes estudiantes de secundaria. Nuestro objetivo es comprender las representaciones identitarias de la reproducción y / o imaginación creativa a través del dibujo, teniendo como contexto social y político el campo de disputas entre movimientos feministas y contrasexuales y grupos conservadores en defensa de la familia tradicional y los deseos cis-heteropatriarcales. Así, a partir de los resultados del proyecto de extensión “Arte de Caderno”, que reunió trabajos de estudiantes de escuelas públicas de diferentes regiones de Brasil, analizamos la producción de dibujos que resaltan la identidad y las expresiones corporales como parte de la comprensión de los adolescentes y jóvenes sobre los valores morales que se discuten hoy. Por tanto, aunque la mayoría de los dibujos reproducen los valores hegemónicos de la corporeidad y las expresiones binarias de identidad, otros plantean la expresión creativa de representaciones identitarias disidentes.

PALABRAS-CLAVE: Género. Moralidad. Diseño. Creación.

ABSTRACT

In this article we analyse the nuances related to moral identity and expression of gender and sexualities through artistic drawings produced by teenagers and young high school students. Our objective is to understand the identity representations of reproduction and/or creative imagination through drawings, having as a social and political context the field of disputes between feminist and counter sexual movements and conservative groups in defense of the traditional family and cis-heteropatriarchal desires. Thus, based on the results of the *Arte de Caderno* extension project, which brought together works by students from public schools from different regions of Brazil, we analysed the production of drawings highlighting identity and bodily expressions as part of the understanding of adolescents and young people about moral values discussed today. Therefore, although most drawings reproduce the hegemonic values of corporeality and binary expressions of identity, others raise the creative expression of dissident identity representations.

KEYWORDS: Gender. Morality. Drawing. Creation.

* * *

Introdução

As manifestações de hostilidade contra as exposições artísticas que tratam de temáticas sobre corpo, gênero e sexualidades, ocorridas no Brasil em 2017, de certa maneira, revelam o nível precário de desenvolvimento da identidade moral da parcela da sociedade brasileira representada por tais manifestantes. Tanto as críticas contra a exposição *Queermuseu*, em Porto Alegre, quanto os comentários depreciando a performance *La Bête*, do artista Wagner Schwartz, em São Paulo, mobilizaram a opinião pública com informações deturpadas e retrógradas, facilmente assimiladas por

um contingente de pessoas que, devido aos discursos de indignação, supomos que pouco conhecem ou frequentam exposições artísticas contemporâneas (SILVA; COSTA; VIEIRA, 2021; TIBURI, 2017; SOBOTA, 2017). Além dessas mobilizações - que também envolvem artimanhas do movimento político conservador em campanhas pré-eleitorais do tipo “escola sem partido” para a presidência da república nas eleições de 2018 - tais fatos demonstraram o quanto a população de um país que pouco incentiva a educação para a arte e à estética torna-se facilmente manipulada pela distorção de valores na medida em que pouco desenvolve seu senso crítico e moral.

Por sinal, a historiografia da censura brasileira revela que a arte e a cultura se fazem presentes devido à longa persistência de séculos diante do embargo de autoritarismos ao desenvolvimento do campo artístico (COSTA, 2014). Tal controle do regime sobre as artes surgiu desde o período colonial e vem ocorrendo até a atualidade, na interdição e proibição da partilha de palavras, gestos, comportamentos, corporalidades e imagens. Com base nos argumentos de Maria Cristina Castilho Costa (2014), portanto, é possível constatar que a censura contra os movimentos artísticos no Brasil e a imposição de regulamentações para a partilha do sensível no campo cultural - ao problematizar e difundir o entendimento sobre a produção simbólica e seu caráter público e privado - tem dificultado o próprio desenvolvimento das pessoas para a compreensão da arte como meio de manifestações e engajamentos político, erudito e cultural. Ou mesmo, segundo Ana Mae Barbosa (1989), para o próprio desenvolvimento da arte na educação, em um contexto de formação onde 80% do conhecimento informal costuma ser apreendido através de imagens presentes no cotidiano e nas mídias sociais.

Nesse contexto atual de retrocessos recorrentes, as campanhas de combate aos programas educacionais e às pesquisas sobre gênero e sexualidades consolidaram-se como pautas políticas do atual governo federal brasileiro no uso de elementos de ordem moral conservadora que, na visão de Fernando Seffner (2020), não são acidentais. Pelo contrário, são elementos que compõem parte central do projeto ideológico em curso, ao estabelecer ações e discursos voltados ao regramento moral conservador para condicionar as identidades de gênero e sexualidades a comportamentos e desejos padronizados e, ao mesmo tempo, atender aos interesses produtivos da racionalidade neoliberal (SEFFNER, 2020).

Tendo em vista tratar desta complexa problemática, apresentamos neste artigo o campo teórico relativo aos conceitos sobre os níveis de desenvolvimento moral para, em seguida, tratar da importância da arte e da compreensão identitária e corporal no

desenvolvimento educacional das pessoas. Discorremos na sequência sobre a metodologia desta investigação qualitativa baseada na revisão bibliográfica e na análise de imagens produzidas por adolescentes e jovens estudantes brasileiros/as. Depois, apontamos alguns pressupostos relativos ao entendimento da imaginação criadora a partir da teoria de Lev Vigotski para, finalmente, divulgarmos os resultados de análises sobre os desenhos manuais produzidos por estudantes do Ensino Médio através do projeto de extensão Arte de Caderno, realizado entre 2015 e 2017. Assim, com base na abordagem sócio-histórica de Vigotski, nos interessa observar na produção dos desenhos de figuras humanas a maneira como seus/suas autores/as adolescentes identificam corporalidades e expressões identitárias ao partilharem suas sensibilidades sobre a vida real por meio da arte.

Por fim, ressaltamos a importância do fomento artístico entre adolescentes e jovens como meio de formação moral e (pós)identitária (pela compreensão plural e não binária de corpos, gêneros e sexualidades). E também argumentamos que as campanhas ideológicas surtem efeito na visão de estudantes ao reproduzirem os padrões conservadores do gênero na delimitação de corpos e expressões binárias entre homens e mulheres cis-heterossexuais. Ao mesmo tempo, alguns desenhos subvertem estas categorias tradicionais ao se tornarem um meio de criação e visibilidade para outros modos de expressão e identidade. Consideramos que estes últimos definem o campo mais inovador e plástico para o desenvolvimento futuro da imaginação criadora.

Disputas políticas, morais e identitárias

Para Richard Miskolci e Maximiliano Campana (2017, p. 725), esse movimento conservador e moralista de combate ao que denominam "ideologia de gênero" teve início com grupos religiosos e laicos fundamentalistas e vem ocorrendo há alguns anos em diversos contextos nacionais, tornando-se uma das frentes de campanhas políticas entre partidos de extrema direita com suas pautas antifeministas, LGBTfóbicas e racistas, em diferentes países como Polônia, Hungria, Estados Unidos e Brasil. Tais campanhas e ações políticas mobilizam contingentes numerosos de civis, em defesa cega de princípios contra os direitos humanos e os benefícios sociais, gerando conflitos e violências contra grupos estigmatizados e já vulnerabilizados da sociedade. São posicionamentos com tendências radicais para a imposição de suas crenças e de negação irremediável dos valores democráticos (HALIFA-LEGRAND, 2019; OLIVA, 2019).

Essa imposição de normas pautadas em supostos comportamentos tradicionais, confirmados a partir de discursos de ódio e intolerância, revelam contradições com as dinâmicas atuais de relações humanas mais diversas, dialógicas e (pós)identitárias, definidas pelos movimentos feministas e LGBTQ+, que exigem novos códigos de conduta e a descentralização das relações de poder mantidas por representantes da biopolítica cis-heteropatriarcal. Tais grupos e indivíduos dissidentes⁴ apresentam novas performatividades e expressões corporais, além de experiências mais fluídas e desapegadas da cultura material e institucional na medida em que deixam de ser incluídos nas políticas públicas e na sociedade formal. Enquanto no passado se mantiveram predominantemente subordinados às relações de poder e à dominação majoritária de homens cis-heterossexuais e caucasianos, atualmente estão requerendo o reconhecimento de suas existências com base em novos valores morais para incorporar condutas éticas e existenciais de territorialização na esfera pública e maior participação política efetiva (PINHEIRO-MACHADO, 2019).

Em síntese, a evidência do campo de disputas morais revela o descontentamento de grupos conservadores em relação às mudanças inevitáveis de valores relativos a uma maior participação dessas novas representações corporais e (pós)identitárias diante do questionamento da estrutura de hierarquias sociais e na afirmação de valores contrários à hegemonia cis-heteropatriarcal e caucasiana. Assim, ao encarar essa disputa fora do campo dialético, o movimento conservador precisa confirmar a suposta imoralidade destes outros grupos - entre representantes feministas, LGBTQ+, mestiços, estrangeiros e pobres ao requererem seu estado de direito e representação política - para justificar ações políticas de combate ao que vem sendo visto por tal movimento como imoral e inaceitável (BROWN, 2019).

Visto que a moralidade é um processo histórico constituído culturalmente, a própria conduta moral desses grupos conservadores tende a ser baseada na reprodução de tradições e nas interpretações seletivas do passado, que pouco acrescentam na renovação criativa dos processos históricos de inovação para a vida social. Por outro lado, os movimentos feministas e contrassexuais trazem outra perspectiva para a condição de vida consolidada pela modernidade, abrindo possibilidades para a imaginação criativa e produtiva de novas relações sociais e econômicas que alteram,

⁴ Grupos e indivíduos LGBTQ+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queers*, travestis, intersexuais, assexuais etc.) e feministas, que não se alinham às políticas cis-heteropatriarcais, excludentes e antidemocráticas advindas, principalmente, de políticas de extrema-direita, do mercado conservador neoliberal e de grupos religiosos cristãos da atualidade (BROWN, 2019).

substancialmente, a segurança do lugar e das identidades estabelecidas pelos valores superficiais destes empreendedores morais e, assim, geram profundos ressentimentos.

Nesse sentido, a disputa também se faz pela validação do que vem a ser legítimo para representar o futuro no limite da imaginação criadora entre conservadores e progressistas. Logo, parece-nos perceptível que enquanto os grupos políticos e religiosos conservadores defendem a repetição de suas tradições e interesses particulares⁵, os movimentos sociais feministas desafiam esta realidade em defesa de um futuro mais inclusivo para as distintas estéticas de existência. Entretanto, na medida que o conflito recai sobre as temáticas e teorias de gênero e sexualidades, enquanto conceitos fundamentais para a formação da autonomia e da identidade, torna-se necessário o entendimento do que possivelmente constitui a formação moral na sociedade contemporânea. O que nos permite compreender os limites de atuação e contribuição desta disputa num âmbito cultural mais amplo.

Identidade e desenvolvimento moral

Segundo Aranha e Martins (2003, p. 301), moral é definida como "o conjunto das regras de conduta admitidas em determinada época ou por um grupo de pessoas [...] que determinam o comportamento dos indivíduos em um grupo social". Entretanto, por mais que condutas morais sejam constituídas no âmbito coletivo de determinada época e lugar, também devemos considerar a ampliação do grau de consciência e liberdade a partir da assimilação ou contestação do valor moral livremente aceito por cada pessoa. Assim, na relação entre a moral coletiva e a particular existe uma dialética constante e, algumas vezes, ambígua. Esses polos contraditórios, entre determinismo e liberdade, por exemplo, geram relações de amadurecimento e intersubjetividades essenciais para constituir o valor moral, sem cair em relativismos de que tudo pode ser aceito. Afinal, se concordarmos unicamente com o caráter social da moral, em que todos e todas devem se adaptar às suas condições sem críticas, estaremos privilegiando as regras e a heteronomia⁶, tornando a educação moral apenas um processo dogmático de adaptação

⁵ Cabe ressaltar que esta posição de grupos conservadores não segue, necessariamente, uma postura pautada pela racionalidade. Pelo contrário, boa parte das atitudes e discursos destes grupos conservadores apresenta-se de maneira violenta e irracional, apesar de compartilharem interesses da proposta de racionalidade neoliberal. Portanto, consideramos que esta irracionalidade surge, de certa forma, como linha de frente deste enfrentamento ideológico contra os movimentos sociais, mas não representa o núcleo substancial da suposta racionalidade produzida pelo neoliberalismo (SEFFNER, 2020; BROWN, 2019).

⁶ Heteronomia refere-se ao reconhecimento e ao aceite das normas sociais de forma não questionadora. Segundo Aranha e Martins (2003, p. 309) "embora seja característica do mundo infantil viver na

ao que foi estabelecido como certo e errado. Por outro lado, se aceitarmos a posição individualista de quem duvida das regras sociais, caímos no risco da tirania da intimidade e na própria negação da moral, que seria o amoralismo. Para evitar, portanto, os extremos da alienação ou da tirania é necessário o equilíbrio entre estas duas posições críticas considerando as escolhas particulares e o respeito ao posicionamento moral (e à estética de existência não hegemônica) dentro de uma sociedade plural e democrática (ARANHA; MARTINS, 2003).

Em geral, o caráter da moral vincula-se ao campo do político, o que determina a necessidade de compreendermos como se constitui a identidade moral no processo de formação para a convivência humana, já que ninguém nasce com a moral, a inteligência e a afetividade constituídas:

[...] todo processo de aprendizagem supõe descentramento, um sair de si mesmo, tanto do ponto de vista da inteligência como da afetividade e da moral. Ou seja, a descoberta de que o outro é um “outro-eu” é fundamental para que possamos superar o egocentrismo. No entanto, o desenvolvimento desses três níveis mentais (inteligência, afetividade e moralidade) não é automático, exigindo a intermediação dos agentes culturais (ARANHA; MARTINS, 2003, p. 308).

Desse modo, a superação do pensamento obediente e acrítico emerge com a educação de crianças e jovens para conquistar autonomia e sem cair necessariamente em uma postura individualista. Ou seja, criando capacidades de participarem ativamente da vida comunitária e, ao mesmo tempo, possibilitando experiências e estados de consciência mediadas por relações sociais pautadas pela alteridade. Por isso, para viabilizar a formação pela maturidade moral de crianças e jovens torna-se necessária a abertura de espaços de discussão sobre os fatores presentes na realidade e, desta maneira, gerar experiências e repertórios de compreensão mais ampla entre adesão ou crítica às normas sociais. Ao menos, este nos parece ser um caminho legítimo para a autonomia com responsabilidade na vida adulta.

No desenvolvimento da moralidade entre crianças e adolescentes alguns autores se destacam na elaboração de práticas pedagógicas, como é o caso do psicólogo suíço Jean Piaget (1896-1980). Para ele "a gênese da razão, da afetividade e da moral se faz progressivamente em estágios sucessivos em que a criança organiza o pensamento e o julgamento", de acordo com Aranha e Martins (2003, p. 308). Neste aspecto construtivista, em que o saber é formulado pela criança, Piaget interessou-se pelos

heteronomia [...] essa atitude prevalece em muitos adultos, quando se submetem aos valores da tradição e obedecem passivamente aos costumes por conformismo ou por temor à reprovação da sociedade ou dos deuses”.

processos e estágios do desenvolvimento mental para, neste processo, compreender a formação lógica e moral desde o nascimento, passando pela adolescência e indo até a vida adulta.

A noção de "sujeito epistêmico" é central no construtivismo piagetiano, segundo Márcio Franco Xavier Vieira (2009). Tal termo "refere-se ao conjunto de propriedades da razão, consideradas como universais e idênticas em todos os indivíduos e corresponde ao 'eu' que tem consciência de uma unidade, a despeito da diversidade de suas percepções e de seus pensamentos" como aponta Vieira (2009, p. 28). Em síntese, para Piaget o "sujeito epistêmico" se constrói como sujeito ao longo do tempo, através de suas ações e experiências ao mesmo tempo em que também é construído pelo contexto no qual está inserido. Ainda, para Piaget todo conhecimento é resultado das formas de interação entre sujeito-objeto, tendo a razão como uma das potencialidades humanas no processo cognitivo e interativo de apreensão de informações e pensamentos. Assim, ao estruturar a base de apreensão das informações, entre equilíbrios e desequilíbrios na relação com o contexto de interações, a formação do sujeito passaria pela sequência de etapas de desenvolvimento, chamadas pelo filósofo de "ontogênese do conhecimento", onde "cada estágio e seus subestágios definem um momento de desenvolvimento ao longo do qual a criança constrói certas estruturas cognitivas", segundo o relato de Vieira (2009, p. 42). Quando associados às estruturas cognitivas, estes estágios também se referem à constituição da identidade moral, partindo da anomia⁷, passando pela heteronomia até chegar à autonomia do sujeito cognoscente. Tais estágios⁸ demonstram a importância do desenvolvimento de uma etapa anterior para consolidar o aprendizado dos estágios seguintes, por exemplo, quando na etapa de estágio pré-operatório a criança precisa compreender a internalização de símbolos e representações para, assim, constituir um pensamento livre das interpretações associadas à realidade concreta, obtido, a partir da perspectiva de Piaget, no quarto e último estágio de desenvolvimento (VIEIRA, 2009; ARANHA; MARTINS, 2003).

Para a constituição do desenvolvimento moral, a criança precisa passar do estágio inicial de apreensão e repetição de valores compreendidos em sua primeira etapa de

⁷ Anomia é o termo que designa ausência de leis (ARANHA; MARTINS, 2003).

⁸ Os quatro estágios do desenvolvimento mental (incluindo a construção da identidade moral) propostos por Piaget são: (a) estágio sensório-motor, (b) estágio pré-operatório ou intuitivo/simbólico, (c) estágio das operações concretas; e (d) estágio das operações formais (VIEIRA, 2009; ARANHA; MARTINS, 2003).

desenvolvimento e, com isso, tornar-se apta a analisar essas informações com capacidade reflexiva e possibilidade de diálogo para compreender efetivamente que a vida prática e simbólica também afeta outras pessoas em suas diferentes interpretações e relações legítimas (ARANHA; MARTINS, 2003). Enfim, para Vieira (2009, p. 48), seguindo as proposições de Piaget, a autonomia seria "o estágio mais avançado de desenvolvimento moral dos sujeitos e significa poder construir cooperativamente regras e relações marcadas pelo respeito mútuo".

Completando as teorias de Piaget, o psicólogo Lawrence Kohlberg (1927-1987) considera que a maturidade moral só pode ser alcançada plenamente pelo sujeito alguns anos depois da adolescência, dependendo ainda das suas experiências e do ambiente onde vive para consolidar sua convivência coletiva de modo solidário. Assim, Kohlberg questiona a teoria piagetiana⁹ ao indicar que o desenvolvimento moral não acompanha, exatamente, o desenvolvimento lógico e formal para alcançar a maturidade moral. Ou seja, o desenvolvimento lógico e racional não necessariamente pressupõe o desenvolvimento moral da pessoa. Portanto, para o psicólogo norte-americano nem todas as pessoas apresentam condições de desenvolver seus estágios diante da atmosfera moral do ambiente em que vivem, tornando real o fato de algumas pessoas adultas não atingirem o nível mais alto de desenvolvimento moral. Isso equivale à moralidade dos primeiros estágios de desenvolvimento, por exemplo, quando alguém precisa de vigilância policial para não cometer transgressões ou age segundo os critérios da reciprocidade (em fazer o bem a quem faz bem e o mal a quem faz mal), muitas vezes, abrindo precedentes para a indiferença em relação aos valores de seu grupo, família, religião e nacionalidade (ARANHA; MARTINS, 2003).

Aos questionar as teorias de Piaget, o psicólogo Lev Semenovitch Vigotski (1896-1934) afirma, entre outras considerações, que o verdadeiro curso do desenvolvimento do pensamento não parte do indivíduo para o social, mas do social para o individual, o que altera o caráter qualitativo dos estudos relativos a grupos muito específicos de seus contextos socioculturais. Ao mesmo tempo, para Vigotski no aprendizado linguístico durante o desenvolvimento cognitivo a criança "desempenha um papel importante na interação entre esses dois processos [desenvolvimento e aprendizagem], pois é por meio da apreensão e internalização da linguagem que a criança se desenvolve" (VIEIRA,

⁹ Esta revisão centrada na questão moral da teoria filosófica de Kohlberg tornou possível distinguir três níveis de moralidade: nível pré-convencional, nível convencional e pós-convencional, subdivididos por dois estágios cada um (ARANHA; MARTINS, 2003).

2009, p. 87). Ainda, segundo Vieira (2009, p. 83) para Vigotski "a linguagem, produto da comunicação estabelecida pelas relações de trabalho, permite que o homem tome para si os conhecimentos acumulados pela humanidade ao longo da sua história, enriquecendo a sua consciência individual".

Em sua concepção pela dialética sócio-histórica, Vigotski (2009) considera também que a linguagem é um meio de introjeção dos processos de comunicação entre a criança e o seu contexto de interações sociais. Assim, para ele a capacidade imaginativa é diretamente proporcional às experiências vividas e aos aprendizados adquiridos pelas pessoas. Na medida que a imaginação se forma a partir da combinação criativa de elementos simbólicos e linguísticos, em maior parte, já presentes na realidade, torna-se significativo ampliar as formas de compreensão dos fatos reais para dar subsídios ao desenvolvimento da imaginação. Por sinal, esta proporção em relação a maior experiência para aumentar a capacidade imaginativa, inclusive, explica o fato de a imaginação de uma pessoa adulta costumar ser mais ampla e complexa do que a de uma criança. Por isso, o reconhecimento da importância de submeter as crianças e os jovens a diferentes experiências socioculturais para que possam ampliar o seu campo de imaginação em seus processos de constituição como sujeitos autônomos e criativos (VIGOTSKI, 2009; OLIVEIRA, 1997).

Neste entendimento, portanto, torna-se válido considerarmos que o desenvolvimento moral também está relacionado à diversidade de experiências socioculturais em que cada pessoa participa na partilha do sensível, em relação a maior diversidade de fatos, interpretações culturais e na compreensão de diferentes condições existenciais e humanas.

Educação, corpo e arte

Nesse processo de tomar consciência das experiências socioculturais, para ampliar o campo da imaginação e constituir as identidades de crianças e jovens, a percepção do mundo através do corpo é fundamental.

Segundo Maurício Bueno da Rosa (2020, p. 4), a experiência corporal de estar no mundo é parte do pensamento e dos modos de estabelecer significados associados às situações vivenciadas, assumindo "uma imposição de sentido, que não advém de uma consciência constituinte universal, visto que o corpo é uma fonte de significação". Para esta compreensão, o autor recorre à filosofia de Merleau-Ponty ao pensar na relação do

sujeito com o corpo em sua experiência fenomenológica e estética de apreender o mundo a partir dos sentidos. Assim, surge a compreensão de que com o próprio corpo temos a oportunidade de apreender as informações através de experiências vivenciadas e intencionais ao nos depararmos com a realidade sensível situada no fluxo do tempo e do espaço. Contudo, nem sempre a percepção do mundo prático e real fecha com a ilusão que criamos a partir da experiência corporificada.

Essa experiência, inclusive, pode ser traumática uma vez que a consciência advinda do próprio corpo não corresponde com o que é esperado (ou desejado) em relação ao contexto de interações com a realidade. Exemplo disso seriam os conflitos que surgem quando crianças e jovens se deparam com a figura do corpo ideal, imposto pela mídia, que estimula a busca por soluções relacionadas com dietas e cirurgias plásticas, as quais podem trazer prejuízos à saúde física e mental. Ou ainda, por incorporarem estigmas sociais pautados pelo preconceito e a exclusão, que partem de julgamentos morais limitados. Assim, as distorções da imagem corporal podem resultar em distúrbios alimentares como anorexia e bulimia (SECCHI; CAMARGO; BERTOLDO, 2009). Esta situação pode ser compreendida por duas vertentes: a representação do corpo dada pela ênfase psicológica, quando a percepção do próprio corpo é distorcida, e a social, quando está associada à opinião e ao senso comum. Neste caso, tanto a percepção individual (psicológica) quanto a coletiva (social) acabam sendo integradas ao mesmo universo simbólico da realidade compartilhada entre grupos e indivíduos. Além disso, segundo Secchi, Camargo e Bertoldo (2009, p. 230), esse sistema de valores coletivos "se manifesta na comunicação, que implica o compartilhamento de uma identidade em interação com um mesmo ambiente externo" e, assim, a partilha dessas informações representacionais define posições identitárias, estados de pertencimento, normas sociais e, até mesmo, exclusões entre indivíduos e grupos. Enquanto para Bento (2006), portanto, são nesses campos de percepções e experiências que o corpo participa como modelo de difusão do caráter social pela sua expressão visual, gestos e performatividades de gênero.

Outro exemplo quanto ao desacordo em relação à experiência do corpo com os meios de representação social, e que desencadeia muito sofrimento em crianças e jovens em seus processos de constituição como sujeito, está na condição descrita pelas pessoas transgêneros (BENTO, 2006). Isso acontece devido à identidade atribuída à anatomia do corpo durante o nascimento não corresponder com o gênero autoidentificado ao longo do processo de formação como sujeito, ainda que seja amplamente reconhecido na

atualidade que a identidade, constituída pelo gênero e pela orientação sexual, se faz ao longo da vida da pessoa. Seguindo este entendimento na educação, para Guacira Lopes Louro (2008, p. 18):

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo. Por muito tempo, suas orientações e ensinamentos pareceram absolutos, quase soberanos. Mas como esquecer, especialmente na contemporaneidade, a sedução e o impacto da mídia, das novelas e da publicidade, das revistas e da internet, dos sites de relacionamento e dos blogs? Como esquecer o cinema e a televisão, os *shopping centers* ou a música popular? Como esquecer as pesquisas de opinião e as de consumo? E, ainda, como escapar das câmeras e monitores de vídeo e das inúmeras máquinas que nos vigiam e nos 'atendem' nos bancos, nos supermercados e nos postos de gasolina? Vivemos mergulhados em seus conselhos e ordens, somos controlados por seus mecanismos, sofremos suas censuras. As proposições e os contornos delineados por essas múltiplas instâncias nem sempre são coerentes igualmente autorizados, mas estão, inegavelmente, espalhados por toda a parte e acabam por constituir-se como potentes pedagogias culturais.

De acordo com Louro (2008), este processo está presente em diversos meios de comunicação e instituições sociais, tornando o arcabouço cultural um meio pedagógico de apreensão e entendimento das representações de gênero e sexualidades, e nem sempre correspondendo às normas¹⁰ e aos conservadorismos.

Por outro lado, quando as identidades de gênero e sexualidades estão restritas à condição binária entre masculino e feminino, a formação subjetiva e a expressão corporal tendem a se tornar regulamentadas e disciplinadas para corresponder às (bio)políticas cis-heteropatriarcais. Por isso, esse entendimento binário do gênero serve (apenas) para reforçar estereótipos da própria representação do que é ser homem ou ser mulher na sociedade, como modo de estabelecer um padrão de normalidades e a exclusão das diferenças, reforçando os atributos positivos de maneira exagerada e, até mesmo, artificial. Desta maneira, todos esses aspectos, classificados com normalidade

¹⁰ É importante ressaltar que a não correspondência às normas nem sempre significa fugir aos preceitos da lei. Isso significa que as leis (e valores hegemônicos) também devem ser atualizadas às dinâmicas socioculturais com base no regime democrático. Ou seja, as normas sociais e jurídicas nem sempre acompanham as dinâmicas culturais e comportamentais no sentido de garantir maior autonomia e liberdade às pessoas, na maneira de se constituírem como sujeitos sociais. Portanto, aqui, entra novamente a compreensão sobre regulamentação e disciplina instituídas como medida arbitrária de governo da população através da biopolítica (e necropolítica) neoliberal, no sentido de priorizar a produtividade política e econômica em detrimento da liberdade das pessoas se constituírem estética e eticamente como sujeitos de direitos. A renovação e perpetuação desta política de regulamentação e disciplina cis-heteropatriarcal e caucasiana constitui, justamente, a ideologia de governos autoritários e conservadores na atualidade (SEFFNER, 2020; BROWN, 2019).

ou diferença, costumam definir parâmetros de representações e julgamentos estereotipados com base na formação moral pouco desenvolvida e obtusa.

Muitas vezes, na busca pela adequação com a realidade representacional ou para reforçar características identitárias, as pessoas buscam alterar o corpo para conciliar seus interesses em desacordo ou amplificar suas experiências assertivas. Assim, de maneira sutil e menos definitiva, tais mudanças se materializam em roupas, maquiagem, cortes de cabelo e acessórios. Outras de efeitos permanentes requerem até mesmo procedimentos cirúrgicos para a correção dos excessos, inclusão de implantes e próteses ao que está ausente ou menos evidente. Neste meio termo, ainda surgem as tatuagens, *piercings* e procedimentos estéticos para se adequarem à crescente preocupação pela aparência visual do corpo. Neste entendimento, David Le Breton (2004, p. 9) explica que algumas modificações como tatuagem, *piercing*, *cutting*, *peeling* e implantes subcutâneos são:

Decisões sobre si que cristalizam uma larga parte do entusiasmo das novas gerações. Investe-se no corpo como lugar de prazer do qual é preciso afirmar que é seu realçando-o, assinando-o, tomando-o a seu cargo. Simultaneamente a marca corporal funciona como uma distanciação em relação a um mundo que escapa em grande parte. Trata-se de substituir os limites de sentido que desaparecem por um limite sobre si, um estribo identificativo que permite reconhecer-se e reivindicar-se como ele próprio. O que se pretende é ser-se re-marcado, no sentido literal e figurado, é aumentar o seu valor, mostrar o sinal da sua diferença.

Ainda segundo o autor, as modificações promovidas ao corpo não são apenas uma maneira de buscar a singularidade radical, tocando com profundidade uma geração, mas abrangem também o interesse em chamar a atenção, atrair o olhar para si, o que torna o corpo um meio em estabelecer a comunicação para as diferentes expressões e formas de definir o campo de relações com a vida. Em complemento, o autor aponta que:

Nas nossas sociedades o corpo tende a tornar-se uma matéria-prima a modelar segundo o ambiente do momento. É doravante, para um grande número de contemporâneos, um acessório da presença, um lugar de encenação de si próprio. A vontade de transformar o próprio corpo tornou-se um lugar-comum. A versão moderna do dualismo difuso da vida quotidiana opõe o homem ao seu próprio corpo, e não, como antigamente, a alma ou o espírito ao corpo. O corpo já não é uma versão irredutível de si, mas uma construção pessoal, um objecto transitório e manipulável susceptível de variadas metamorfoses segundo os desejos do indivíduo. Se antigamente encarnava o destino da pessoa, é hoje uma proposta que se pode sempre melhorar e recuperar (BRETON, 2004, p. 7).

Ao mesmo tempo, para que a percepção a partir do corpo não se torne incongruente com os modelos idealizados, é importante ampliar os parâmetros de representação de corporalidades para acrescentar mais singularidades aos parâmetros de

identificação, a partir de imagens publicitárias, televisivas, cinematográficas e cotidianas. Nesse sentido, a construção do senso estético envolvido na arte é um meio adequado para evitar o padrão da representação corporal e permitir novas vivências e percepções de forma sensível e direta no processo de aprendizagem. O que torna a arte uma maneira interessante de compreender e educar a experiência sensível do corpo com o mundo, sem a necessidade de atender às prerrogativas da (ir)racionalidade. Assim, através da arte, o corpo passa a ter outro sentido, sobressaindo-se da condição ordinária dos sentidos e ultrapassando o campo do conhecimento estético através da assimilação integral e pré-reflexiva da realidade.

A objetividade utilitária do mundo torna-se, portanto, completa e significativa tendo em vista que também utilizamos a arte como mediação para a compreensão sensível de outras significações vinculadas à complexidade do real, porém, não apreendidas em sua integridade pela racionalidade objetiva. Exemplo disso está na pintura, que expressa o espetáculo do mundo através da experiência corporal dos sentidos apreendidos pelo artista, indo além das aparências e do sentido habitual para expressar suas significações particulares através da arte pictórica pela experiência perceptiva do corpo-próprio. Enfim, "relacionar organicamente arte e pensamento, e linguagens distintas, faz conceber perspectivas inovadoras para se entender a realidade" (ROSA, 2020, p. 4).

Por fim, para alcançar o equilíbrio em todos estes aspectos, desde a percepção do mundo através da experiência corporal e da aceitação das diferenças que marcam nossa condição física e intersubjetiva, a consciência dessa intencionalidade perceptiva precisa ser desafiada constantemente, tendo na arte um meio importante para processar este entendimento. A intencionalidade, neste caso, refere-se a uma consciência (ou pré-consciência) corporal dada pela aproximação com o ambiente e os objetos de maneira sensível e indissociável do mundo, ou seja, "fazendo uma correlação com o fazer estético, o corpo é um núcleo de sentido que encontra na arte a mais completa realização da expressão preceptiva" (ROSA, 2020, p. 5).

É neste sentido que organizamos a metodologia desta investigação, utilizando a educação e a prática artísticas como meio de comunicação para compreender alguns aspectos relativos à representação de corpos e identidades através do desenho de adolescentes e jovens estudantes do Ensino Médio.

Metodologia e procedimentos de análise

Esta pesquisa qualitativa apresenta abordagem interdisciplinar ao relacionar assuntos como arte, educação e moral, debates políticos e estudos de gênero-sexualidades para a compreensão de fenômenos de reprodução e criação através da arte durante períodos de proliferação de ideologias autoritárias e conservadoras. Por sinal, ideologias estas que desvalorizam novas concepções utópicas, assim como o desenvolvimento ético e estético por meio da arte e da educação. Deste modo, a relação entre esses assuntos também requer abordarmos o campo metodológico da complexidade diante dos fenômenos que se cruzam entre diferentes áreas de conhecimento e organização.

Entre os métodos aqui abordados, utilizamos a pesquisa bibliográfica para vincular os conteúdos teóricos e argumentativos ligados aos Estudos de Gênero e Sexualidades, à Arte Educação e ao campo de desenvolvimento moral e ético, além de autores e autoras que permitam compreender o contexto atual de disputas políticas e discursivas no campo da educação e no entendimento dos agentes envolvidos nessa disputa. Assim, buscamos os conceitos e definições teóricas para problematizarmos, através de fontes secundárias, o contexto atual de disputas entre grupos políticos conservadores e as políticas dos movimentos sociais, tendo a educação e a arte como ponto de convergência. Neste entendimento, partimos para a análise de desenhos artísticos produzidos por estudantes do Ensino Médio com o propósito de compreendermos as representações identitárias, pautadas pelas identidades de gênero e sexualidades, diante dos valores presentes neste campo de disputas, entre a regulamentação e a liberdade de expressão, entre a reprodução de moralidades tradicionais e a criação de novas expressões identitárias, destacando nossas análises para as imagens de corporalidades, identidades e expressões de gênero e sexualidades.

A organização desta análise de campo utiliza o resultado da produção artística do projeto de extensão “Arte de Caderno”, atualmente vinculado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS), *Campus* Poços de Caldas, que reuniu trabalhos de estudantes de 16 estados brasileiros (contemplando todas as regiões do país) na intenção de fomentar a prática artística de

desenhos produzidos por adolescentes e jovens estudantes na faixa etária de 6 a 18 anos¹¹.

Completando mais de dez anos de existência, essa ação educativa Arte de Caderno vem estimulando a prática do desenho artístico em escolas públicas no Brasil. O projeto teve início em 2009 em Florianópolis/SC e, desde então, se mantém regularmente em colaboração com diversas instituições de ensino, promovendo a interação com a comunidade escolar, entre participantes de diferentes idades, a partir da qual são apresentadas obras artísticas e avaliadas e premiadas as mais expressivas. Mesmo havendo a premiação, o projeto não tem como propósito a competição em si, na medida em que promove a ação educativa e contemplativa por intermédio da arte. Desse modo, além de estimular a produção e a compreensão da arte pela prática do desenho, o projeto de extensão Arte de Caderno também busca preservar esse campo de conhecimento dentro das instituições de ensino, incentivando e promovendo atividades socioculturais através de exposições e divulgação dos trabalhos, tanto na escola como em espaços oficiais de exposição artística. Desde a sua primeira edição em 2009, o projeto reuniu o total de 11.034 desenhos, todos realizados em formato físico¹² e enviados via postal aos organizadores do evento. Nesse contexto, entre os principais estímulos do projeto estão: o resgate do desenho como atividade cotidiana e o direcionamento e documentação dessas atividades em suportes adequados, como o caderno escolar, de maneira a evitar a depredação e pichação de superfícies e objetos patrimoniais e, deste modo, estimular a prática artística como meio de expressão (BESS; REIS, 2017).

Ao utilizar desenhos feitos por estudantes do Ensino Médio, procuramos destacar o caráter da imaginação deste grupo na composição de imagens que, de alguma forma, interpretam a partir do real. Em particular, para os estudos de gênero e sexualidades, parte deste imaginário vinculado ao campo do real e das experiências particulares repercute como conjunto simbólico de elementos associados tanto às convenções morais e estéticas quanto aos desvios da representação de corporalidades, entre aquelas aceitas ou excluídas, essencializadas ou tensionadas em suas possibilidades representativas. Diante do campo de disputas políticas sobre os estudos de gênero e sexualidades nas escolas, apresentado na primeira parte deste artigo, observamos que a manifestação

¹¹ Para a seleção dos trabalhos a serem analisados neste artigo, consideramos os desenhos produzidos por estudantes de ambos os sexos na faixa etária entre 15 e 18 anos de idade, ou seja, no período que compreende o Ensino Médio. Na sequência do texto retornaremos a estas especificações.

¹² A maioria dos desenhos foi realizada em suporte físico no uso de papel sulfite (com ou sem pauta), lápis e canetas esferográficas, com pinturas utilizando lápis de cor, hidrocor e aquarela.

espontânea para a produção artística de estudantes em diferentes regiões do Brasil serve como campo inestimável para refletirmos sobre a influência desses discursos, representações e diálogos na reprodução de imagens e intersubjetividades através da arte.

A partir dos desenhos produzidos pelo projeto Arte de Caderno, as avaliações seguiram quatro etapas: [1] seleção de desenhos distribuídos de forma equitativa entre as diferentes regiões em que predominam a participação no projeto de extensão; [2] seleção dos desenhos do conjunto universal (total), de acordo com a sua representação e associando a figura humana com atributos corporais, expressões e comportamentos associados a identidades de gênero, sexualidades, na intenção de criar um grupo amostral significativo de análise qualitativa; [3] análise dos desenhos através da caracterização da composição com atributos associados aos gêneros binários e não-binários; e [4] aprofundamento das análises e apresentação dos resultados.

Para a seleção dos desenhos a serem analisados consideramos a faixa de idade dos/as participantes entre 15 e 18 anos, para abordarmos o período em que o desenvolvimento do desenho alcança maior unidade expressiva para além do esquema, com mais detalhes e nitidez na identificação da figura humana. Nesta fase o desenho possui tanto o valor artístico quanto o simbólico e costuma ser representando tanto pela observação quanto pela memória. Para auxiliar nesta análise, trazemos como principal referência teórica o trabalho de Vigotski (2009), primeiramente, ao considerar que a educação individual está diretamente vinculada aos fenômenos sociais e também devido à importância da imaginação criadora e da compreensão crítica da realidade, abordadas pelo autor, no desenvolvimento de crianças e jovens através da arte.

Atividade criadora e desenho a partir de Vigotski

Com interesse voltado para a atividade criadora de combinação, no sentido de melhor relacionar o campo criador e imaginativo para a criação de novas perspectivas de vida, mesmo que com base em memórias e experiências anteriores, Vigotski (2009) promove uma reflexão sobre as diferentes formas como a imaginação criadora atua na realidade ou é por esta condicionada.

Segundo Vigotski (2009), cada idade na infância tem seu nível de expressão particular para indicar um campo de imaginação e de atividade criadora, tanto por conta do desenvolvimento psicológico da criança quanto por suas experiências particulares na

relação com outras pessoas e com a exterioridade. Para compreendermos este mecanismo psicológico de imaginação e atividade criadora é válido considerarmos a relação que existe entre a fantasia e a realidade. Afinal, segundo o autor, é através das experiências interiores (mentais) e exteriores (com a realidade) que a imaginação pode ser desenvolvida como campo de atuações criadoras para a constituição de novos elementos e, até mesmo, de novas realidades.

Vigotski ainda considera que é a partir de elementos presentes na realidade e no acúmulo de experiências que a imaginação se torna criativa, passando pela fase de maturação ou incubação para gerar novas ideias. Por isso, além da imaginação ser uma condição necessária para o desenvolvimento individual, também se torna necessário aumentar e melhorar as experiências de crianças e adolescentes (principalmente no campo educacional) para ampliar suas capacidades de imaginação diante do que é apresentado como realidade. O que define um ciclo construtivo na medida em que a capacidade criadora da imaginação se apoia na experiência e, ao mesmo tempo, a própria experiência se apoia na imaginação para possibilitar novas percepções com a realidade (VIGOTSKI, 2009).

Outro ponto importante da relação entre imaginação e realidade está no tratamento emocional desencadeado pelas crianças e adolescentes no processo de selecionar imagens e utilizá-las como parte do processo de escolhas pautadas por suas emoções, e não apenas pela formação técnica e racional. Assim, a predisposição emocional de cada pessoa diante da experiência com a realidade simbólica, física e relacional define sua capacidade de imaginação criadora a partir de sua estrutura emocional, por exemplo, na capacidade de imaginar situações a partir de experiências felizes, ou na incapacidade de imaginar novas situações diante do medo. Torna-se, portanto, relevante considerar as influências negativas e positivas de determinadas experiências na formação subjetiva de sujeitos e na expectativa de não comprometer seu desempenho criativo (VIGOTSKI, 2009).

Para Vigotski, o desenvolvimento da criança encontra-se intrinsecamente relacionado à apropriação da cultura. "Essa apropriação implica uma participação ativa da criança na cultura, tornando próprios dela mesma os modos sociais de perceber, sentir, falar, pensar e se relacionar com os outros" (VIGOTSKI, 2009, p. 8).

Na medida em que a criança cresce também aumenta a importância da visão em seu processo de apreender as informações do meio exterior e social, até o ponto em que o sentido da visão se torna predominante. Ao mesmo tempo, o pensamento articulado às

atividades externas e físicas é enfraquecido pelo aumento da atividade mental, dando início ao período analítico-racional do desenvolvimento infantil e que permanece na infância tardia e adolescência (VIGOTSKI, 2009).

Na percepção do mundo e na reflexão criadora dessa percepção, os marcos visuais passam a ter papel predominante. O adolescente torna-se mais espectador, contempla o mundo de lado, experimenta-o como um fenômeno complexo e, nessa complexidade, assimila muito mais as relações entre os objetos, suas alterações, do que a multiplicidade e a presença das coisas, como ocorria no período anterior (VIGOTSKI, 2009, p. 114).

Para o processo de desenvolvimento do pensamento e apreensão do conhecimento de adolescentes, a prática do desenho possui sentido cultivador fundamental no domínio desta nova linguagem, o que permite ampliar sua visão de mundo, se aprofundar em seus sentimentos e transmitir para a consciência uma compreensão muito particular que só é possível através desta interação produtiva com as imagens. Ainda, para Vigotski (2009, p. 117):

[...] o desenhar possui um enorme sentido cultivador; quando [...] as cores e o desenho começam a dizer algo para a adolescente, esta começa a dominar uma nova língua, que amplia sua visão de mundo, aprofunda seus sentimentos e transmite-lhe na língua de imagens o que de nenhuma outra forma pode ser levado até a consciência.

Na medida em que os/as adolescentes se aprofundam na expressão gráfica do desenho, torna-se necessário obter maior domínio sobre o material e os métodos de trabalho artístico, o que revela maior profundidade nos resultados representados, na medida em que existe incentivo para o cultivo de sua imaginação criadora.

Enfim, Vigotski (2009) enfatiza a importância do cultivo da imaginação criadora no processo de formação de crianças e adolescentes na educação, utilizando a arte como meio e técnica para alcançar resultados produtivos neste processo de formação. Quem sabe, este seja um caminho possível para o futuro de aprimoramentos socioculturais.

Resultados de análise

Nesta análise a partir dos desenhos realizados por estudantes brasileiros do Ensino Médio nos interessa verificar o conjunto das representações de figuras humanas: sua corporalidade, identidades e expressão de gênero e sexualidades, seja pela reprodução de convenções cis-heteropatriarcais ou pelo desvio destas normas diante de interpretações não binárias. Esperamos compreender como o campo de disputas políticas e culturais da atualidade é reproduzido através de desenhos, vistos aqui como meio de processar tais contextos e combinar novas imagens neste processo de expressão

artística. Ao mesmo tempo, buscamos identificar as características que reforçam ou distorcem as convenções de gênero diante do acervo de desenhos reunidos pelo projeto de extensão Arte de Caderno entre os anos de 2015 a 2017.

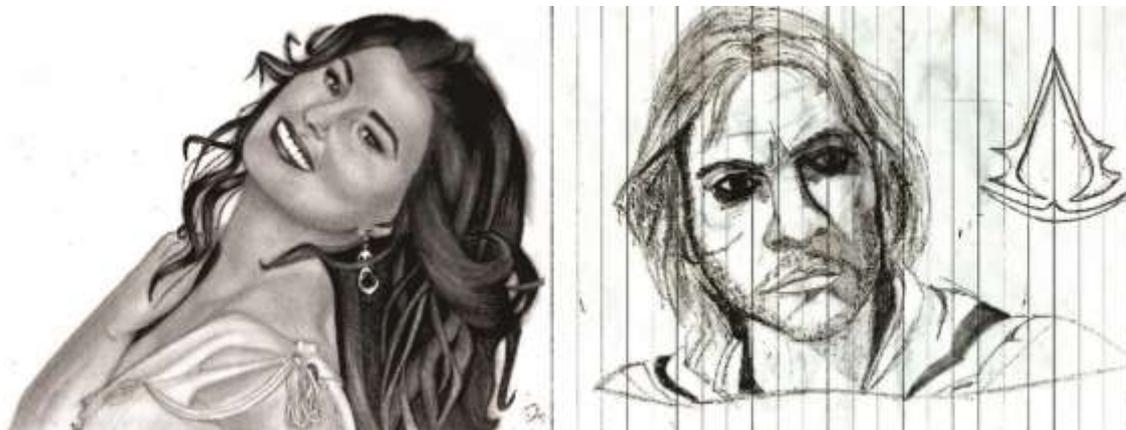
Nos trabalhos selecionados para esta análise e dentro da faixa etária de 15 a 18 anos, observamos o predomínio da participação de garotas na composição de trabalhos representativos em relação à expressão corporal e identitária. Assim, a maioria dos trabalhos surge como meio de reforçar interesses pela figura humana, pela feminilidade e no uso de acessórios, roupas, cores e estilos de vestir. Já nos trabalhos apresentados por rapazes, destaca-se mais o significado genérico da figura humana, representada por desenhos com menor variação tonal, como se reproduzissem de maneira mais impessoal o caráter do herói, do guerreiro e da corporalidade ideal, sem expressar no desenho particularidades.

Apesar de estas convenções apresentarem diferenças entre sociedades e contextos culturais, nos casos analisados essas diferenças não se manifestam de forma significativa entre as diferentes regiões do Brasil. Pelo contrário, consideramos haver semelhanças presentes tanto na reprodução do imaginário do real, naquilo que possa ser assimilado como convenção, quanto na produção que foge desta condição estereotipada ao (re)criar imagens de representações humanas dissidentes e ambíguas quanto ao gênero e sexualidades.

De modo geral, no conjunto de desenhos relativos a esta faixa etária e no destaque pela habilidade demonstrada nos desenhos, observamos a preocupação na reprodução do real através de detalhes de elementos de composição que realçam significados de grupos sociais, processos identitários ou mesmo das figuras heroicas e ficcionais. Embora estes fatores não sejam compartilhados entre os/as estudantes, parece existir uma maneira comum de associar as identidades de gênero e sexualidades com o trabalho autoral pelas temáticas e estilos de desenho.

A reprodução das convenções de gêneros binários, entre imagens que expressam o masculino ou o feminino, são predominantes através das corporalidades e dos acessórios de roupas e objetos, que enfatizam determinadas características no contraste do que identifica homem e mulher. Inclusive, na maior parte das vezes, o sexo do/a estudante predispõe o seu caráter identitário na maneira com que os meninos desenhavam a condição masculina e as meninas a condição feminina, nesta associação de representar como obra de arte a ser divulgada publicamente as características que mais valorizam na vinculação com suas identidades (Figura 1).

FIGURA 1: desenhos que identificam o perfil autoral marcado por identidades de gênero e sexualidades entre os adolescentes participantes. À esquerda desenho de uma garota e à direita trabalho feito por um garoto.



Fonte: Arquivo de imagens do projeto de extensão *Arte de Caderno* (2015; 2016; 2017).

Em especial, os desenhos feitos por meninos apresentam características e elementos tipicamente vistos como masculinos, como robôs, carros, armas, cenas de lutas, dentre outros que remetem à demonstração de força e que são ligados a profissões e comportamentos considerados culturalmente de homens. Da mesma forma, os desenhos produzidos por meninas trazem valores simbólicos ligados a cenas familiares, casas, flores, assim como a vinculação das figuras femininas através de objetos domésticos, roupas e acessórios coloridos, vinculados ao cuidado de si e ao consumo. Assim, boa parte desses trabalhos tornam nítidas algumas diferenças de estilo e escolha temática divididas entre garotos e garotas (Figura 2).

Mesmo que boa parte dos desenhos produzidos por meninas reproduzam elementos convencionais associados ao feminino, vários exemplos apresentam outro discernimento na compreensão da representação feminina, não tão associado às convenções do gênero ou a funções típicas das mulheres. Em parte, a crescente imagem de mulheres empoderadas e autônomas serve como referência para estas estudantes na maneira de construírem suas identidades femininas no início da puberdade, fazendo vinculações entre sensibilidade e força pela imagem nada antagônica do que se torna possível na atualidade.

Nesse contexto, os feminismos e os movimentos contrassexuais contribuem para essa perspectiva de reformulação moral e constituição identitária entre grupos de estudantes que percebem o maior protagonismo das mulheres e outras identidades não

binárias representadas nas mídias e presentes no cotidiano. Esse protagonismo rompe com o imaginário de convenções em que a mulher e o caráter feminino pertencem a um lugar de vulnerabilidade, passividade e submissão, muito recorrentes nas antigas narrativas literárias, como nos contos de fadas e nas obras de ficção, assim como no cinema e na televisão, dentre outras representações estereotipadas. Contudo, essa condição restrita mudou e as novas narrativas e imagens são reformuladas.

FIGURA 2: desenhos que identificam o perfil autoral marcado por identidades de gênero e sexualidades entre os adolescentes participantes. Na linha de cima desenhos de garotas e na de baixo desenhos de garotos.



Fonte: Arquivo de imagens do projeto de extensão *Arte de Caderno* (2015; 2016; 2017).

Observamos este viés de novas configurações de corporalidades e comportamentos através dos desenhos onde tais conquistas feministas e contrassexuais são assimiladas e incorporadas ao cotidiano. Mesmo que muito recentemente, se considerarmos a história da humanidade, os reflexos dessas conquistas tornam-se visíveis a partir deste levantamento: na maneira de significar a corporalidade da figura feminina, nas vestimentas, na associação com atividades de trabalho, que demonstram a assimilação desta posição feminina mais autônoma e realizada. Ou mesmo, de imagens que dialogam com as propostas não binárias para conceber as identidades e os perfis de

expressão corporal ambíguas (entre o feminino e o masculino), desenvolvendo perfis andróginos ou ficcionais não associadas aos modelos de masculinidade ou feminilidade extremas, que se tornam viáveis e autênticos diante da maior visibilidade das subculturas LGBTQ+ nos meios e mídias sociais (Figura 3).

FIGURA 3: desenhos de expressões antagônicas, que divergem do gênero binário e/ou da identidade sexual associada à cis-heterossexualidade. Trabalhos realizados por estudantes de ambos os sexos.



Fonte: Arquivo de imagens do projeto de extensão *Arte de Caderno* (2015; 2016; 2017).

Assim, é possível observarmos através da qualidade associada aos desenhos de jovens e adolescentes, com o propósito da boa expressão artística, que apesar de boa parte deles expressarem valores e padrões estabelecidos socialmente, copiando ou reproduzindo de memória suas experiências pela compreensão de comportamentos, quase todos buscam uma maneira expressiva de apresentar suas singularidades. Deste modo, consideramos que suas intenções na reprodução de imagens podem surgir, simplesmente da aceitação das convenções sociais ou mesmo com o propósito de inovar e contestar pela criação do que é divergente e alternativo ao *status quo*.

Conclusão

Para superar a condição estabelecida pela realidade e pelos pensamentos retrógrados e conservadores, a imaginação criadora define-se como um caminho possível, porém, não apenas para atingir o real e questioná-lo, mas também para vislumbrar novas alternativas dentro do que se constitui hegemonicamente como convenção universal e inquestionável (TRINDADE; LAPLANTINE, 1997).

Em relação à constituição identitária, vimos que ninguém nasce moral, porém, pela qualificação do processo educacional as pessoas são capazes de construir suas identidades morais na conformação equilibrada do sujeito ético ao reconhecer nos outros sua igual humanidade. Contudo, mesmo que surjam dificuldades para educarmos moralmente as crianças e os jovens e, assim, formalizarmos uma postura crítica e coletiva de entendimento e diálogo, é importante desenvolvermos capacidades de formação para além dos processos de aprendizado formal. Só assim, para que possamos despertar uma postura crítica e imaginativa como alternativa à sociedade individualista e competitiva, aspirando novos valores com base na redução dos preconceitos e no aumento do respeito ao próximo (ARANHA; MARTINS, 2003).

Também vimos neste artigo que, para que jovens, adolescentes e até mesmo crianças possam desenvolver suas capacidades de compreensão e comunicação com a realidade é fundamental o desenvolvimento da imaginação como meio de articulação com os fatos reais e os discursos em defesa da racionalidade. Nesse sentido, mesmo que a educação voltada para as artes, no uso de imagens e desenhos, não seja completa neste processo, ainda assim é parte importante desta mediação no processo transitório de formação para a constituição de sujeitos adultos éticos e esteticamente articulados. Este desenvolvimento parte, portanto, do maior número de experiências diferenciadas para a compreensão plural dos valores simbólicos, principalmente, daqueles incorporados no cotidiano a partir da linguagem visual. Apenas com base nesta formação artística, pautada na diversidade e na construção de uma postura crítica e autônoma, é possível considerarmos também a boa qualificação das pessoas para o desenvolvimento moral, ao compreendermos a diversidade de opiniões e condições de existência na constituição de uma sociedade complexa e mais ampla do que suas inserções e valores particulares.

Diante de disputas ideológicas, que na atualidade desencadeiam polaridades disruptivas e ameaças ao estado democrático de direitos, consideramos a importância da educação e da cultura. Em especial, da arte educação como meio de conscientizar a

formação da identidade moral de adolescentes e jovens em sintonia com a consciência social e de forma que possam se constituir como adultos éticos e autônomos no reconhecimento das pluralidades de expressões, corpos e performatividades. Por fim, esta compreensão torna-se imprescindível para a inovação e criatividade na constituição futura de cidades e sociedades mais hospitaleiras.

Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: introdução à filosofia. 3. ed. revista. São Paulo: Moderna, 2003.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. Tradução de Sofia Fan. **Estudos Avançados** [online], v. 3, n. 7, p. 170-182, 1989. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141989000300010>. Acesso em: 02 dez. 2021.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BESS, Márcio Luiz; REIS, Lorena Temponi Boechat. Arte de Caderno: ações educativas através da arte. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**, v. 08, n. 1, p. 261-270, 2017. Disponível em: http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/11067/4620/1/rpca_v8_n1_2017_18.pdf. Acesso em: 02 dez. 2021.

BRETON, David Le. **Sinais de identidade**: tatuagens, *piercings* e outras marcas corporais. Tradução Tereza Frazão. Lisboa: Miosótis, 2004.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. Tradução Mario A. Marino e Eduardo Altheman C. Santos. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

COSTA, Maria Cristina Castilho. Arte, poder e política: uma breve história sobre a censura. In: XII Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación, 2014, Lima. **Anais...** Lima: ALAIC, 2014. Disponível em: <http://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2013/11/vGT18-Maria-Cristina-Castilho-Costa.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2021.

HALIFA-LEGRAND, Sarah. 'Nossa única chance de sobreviver é preservar a democracia liberal', diz filósofa húngara Ágnes Heller. Entrevista com Ágnes Heller. **O Globo**, 03 jun. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/nossa-unica-chance-de-sobreviver-preservar-democracia-liberal-diz-filosofa-hungara-agnes-heller-23307441>. Acesso em: 02 dez. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições** [online], v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072008000200003>. Acesso em: 02 dez. 2021.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado** [online], v. 32, n. 03, p. 725-748, 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/se/a/Ns5kmRtMcSXDY78j9L8fMFL#>. Acesso em: 02 dez. 2021.

OLIVA, Milagros Pérez. “A extrema direita tem uma utopia. Conservadores e sociais-democratas não têm nenhuma”. Entrevista com Carolin Emcke. **El País**, 12 nov. 2019. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/01/cultura/1572612640_359278.html. Acesso em: 02 dez. 2021.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento; um processo sócio-histórico**. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. A extrema direita venceu. Feministas, antirracistas e LGBTs também. **The Intercept Brasil**, 09 jan. 2019. Disponível em:

<https://theintercept.com/2019/01/08/extrema-direita-feministas-antirracistas-lgbts/>. Acesso em: 02 dez. 2021.

ROSA, Maurício Bueno da. Compreendendo a educação a partir da noção de experiência corporal em Merleau-Ponty. **Revista Pedagógica**, v. 22, p. 1-17, 2020.

SECCHI, Kenny; CAMARGO, Brígido Vizeu; BERTOLDO, Raquel Bohn. Percepção da imagem corporal e representações sociais do corpo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v. 25, n. 2, p. 229-236, abr.-jun. 2009.

SEFFNER, Fernando. Sempre atrás de um buraco tem um olho: racionalidade neoliberal, autoritarismo fundamentalista, gênero e sexualidade na Educação Básica.

Práxis Educativa [online], v. 15, p. 1-19, 2020. Disponível em:

<https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/15010>. Acesso em: 02 dez. 2021.

SILVA, Ivone Maria Mendes; COSTA, Joice Beatriz da; VIEIRA, Marcos Sardá. Corpo, arte e política. In: LOSS, Adriana Salete; LORO, Alexandre Paulo (org.).

Estudos interdisciplinares: debates e reflexões. 1. ed., v. 1. Curitiba: Editora CRV, p. 199-217, 2021.

SOBOTA, Guilherme. "O nu na arte é presente em todos os museus do mundo", diz curador do MAM. **Jornal Estadão**, São Paulo, 29 set. 2017. Cultura, p. 1. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/artes,o-nu-na-arte-e-presente-em-todos-os-museus-do-mundo-diz-curador-do-mam,70002021299>. Acesso em: 02 dez. 2021.

TIBURI, Marcia. Queermuseu, Brasil, 2017. **Cult** [online], 20 set. 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/queermuseu-brasil-2017/>. Acesso em: 02 dez. 2021.

TRINDADE, Liana Sálvia; LAPLANTINE, François. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

VIEIRA, Márcio Franco Xavier. **Fundamentos filosóficos do Construtivismo:** reflexões críticas sobre princípios que sustentam a organização do ensino em ciclos. São Paulo: Editora Isis, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Imaginação e criação na infância:** ensaio psicológico: livro para professores. Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

Recebido em outubro de 2021.

Aprovado em dezembro de 2021.

Revista
Diversidade
e Educação